

O CLUBE DA AMIZADE: ESPAÇO DE RESSOCIALIZAÇÃO E REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL¹

THE FRIENDSHIP CLUB: SPACE OF RESOCIALIZATION AND PSYCHOSOCIAL REHABILITATION

Sandra Helen Bittencourt Meyer

Educadora Artística. Residente de Saúde Mental Coletiva - ESP/ RS

Barbara E. Neubarth

Psicóloga do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação - UFRGS

Correspondência

Hospital Psiquiátrico São Pedro

Av, Bento Gonçalves 2460 – Porto Alegre - RS

e-mail: shbm@terra.com.br

e-mail: barbaraneubarth@gmail.com

RESUMO

O presente texto é resultado da intervenção da residente de Educação Artística (Programa de Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva/Escola de Saúde Pública/Hospital Psiquiátrico São Pedro/RS), no Clube da Amizade, espaço de reabilitação e reinserção social de pacientes egressos de hospitais psiquiátricos e outros serviços de saúde mental. Como muitos sócios trabalhavam na Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem (ATUT), cooperativa de reciclagem de resíduos sólidos (papel, vidro e sucatas), optou-se pela confecção de artesanato. Através de materiais reaproveitáveis estimulou-se um outro olhar para o que era considerado "lixo". Durante as atividades artísticas, a gradativa apropriação das técnicas e materiais ofertados, resultou em soluções criativas e no interesse pela comercialização dos produtos feitos, cuja renda reverteria para o próprio clube. O resgate da auto-estima e a ampliação dos vínculos foram consequências da proposta desenvolvida. Fundamentam a prática e o texto, Nise da Silveira e Osório Cesar, como precursores na utilização das atividades artísticas com pacientes psiquiátricos, e a Oficina de Criatividade do HPSP, referência de espaço substitutivo, existente a partir da reforma psiquiátrica brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Terapia pela arte. Serviços de saúde mental. Trabalho informal. Grupos de auto-ajuda.

ABSTRACT

The present paper is the result of the experience of an arts education resident (Mental Health Integrated Residency Program/ Public Health School/ São Pedro Psychiatric Hospital / RS), in the Friendship Club, a rehabilitation and social reintegration space for patients discharged from psychiatric hospitals and other mental health services. As many of the associates worked at the Association of Workers of the Screening Unit (ATUT), a cooperative of recycled solid waste (paper, glass and scrap), the focus was on the making of handicrafts. Through recyclable materials we sought a new look on what is considered "garbage". During the artistic activities, the gradual appropriation of the various techniques and materials offered resulted in more creative solutions for the development of business and interest in marketing, whose proceeds would go to the club itself. The recovery of self-esteem and expansion of ties were consequences of the proposal developed. Nise da Silveira and Osório Cesar, as early adopters of artistic activities with psychiatric patients, are the basis for the practice and for this paper, and the Oficina de Criatividade HPSP, a substitute reference space, exists since the Brazilian psychiatric reform.

KEY WORDS

Art therapy. Mental health services. Informal work. Self-help groups.

¹ Com base em trabalho de conclusão apresentado a Residência Integrada em Saúde Coletiva/ESP/ Hospital Psiquiátrico São Pedro - 2006/2008.

INTRODUÇÃO

Durante vários séculos pessoas em sofrimento psíquico foram afastadas da sociedade, encarceradas em condições precárias, sem direito a se manifestarem na condução de suas vidas. Tais condutas são remanescentes arcaicos da vinculação doença-culpa-pecado que marcaram a lepra, a sífilis, a tuberculose e que atingem as doenças mentais. Com o passar dos anos as explicações místico-mágicas das doenças em geral, e das doenças mentais em particular, foram dando lugar à compreensão técnico-científica, com o reconhecimento do papel desempenhado pelos fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais na gênese e na evolução das doenças. Desta forma, procurou-se explicar e compreender vivências da perda da razão, tão estranhas e, frequentemente, amedrontadoras, pois, ao mesmo tempo em que assustam, despertam a curiosidade e interesse no sentido da elucidação das suas causas e possibilidades de tratamento. Nos últimos cinquenta anos têm sido desenvolvidos inúmeros estudos que discutem um grande espectro de fatores, tais como: mapa genético, química cerebral, aspectos do estilo de vida, acontecimentos do passado, relações interpessoais, saúde psíquica. Contudo, seja qual for a causa, a pessoa que desenvolve uma doença mental, muitas vezes, se sente em sofrimento, desesperançada e incapaz de levar uma vida saudável. Apontada como diferente, não consegue afastar o estigma, e o resultado disso, em muitos casos, é a perda da confiança em si. Desta forma, transtornos mentais como a ansiedade, depressão, distúrbios alimentares, uso abusivo de drogas e álcool, demência e esquizofrenia, muitas vezes, atraem medo, hostilidade e desa-

provação, reações que não somente influem para que os indivíduos se sintam isolados e infelizes, como são impedimentos para que busquem ajuda efetiva e tratamento (MOURA FÉ).

A psiquiatra Nise da Silveira, preocupada com os tratamentos dispensados aos pacientes psiquiátricos e com suas numerosas reinternações, desenvolveu uma experiência piloto em que comprovou ser possível tratar de uma forma diferente. Para tanto fundou a Casa das Palmeiras, uma instituição sem fins lucrativos, destinada ao tratamento e à reabilitação, de egressos de estabelecimentos psiquiátricos, através da terapêutica ocupacional. Naquele espaço, portas e janelas abertas, nada exigia dos frequentadores, além de suas possibilidades. Nas atividades ocupacionais (pintura, contos, música, teatro, bailes, passeios, tapeçaria, entre outras), os técnicos participam como orientadores, criando um espaço terapêutico para pessoas que já sofreram discriminações em espaços psiquiátricos e até no âmbito de sua família.

Sendo este um método, que deveria desenvolver-se num ambiente cordial, centrado na personalidade de um monitor sensível, que funcionaria como uma espécie de catalisador. Sem quaisquer coações, através de atividades diversas verbais ou não verbais os sintomas encontravam oportunidade para se exprimirem livremente e assim o tumulto emocional tomava forma, despotencializando-se (SILVEIRA, 2001, p. 16).

Foi no Hospital Psiquiátrico do Juquery, uma das mais antigas e maiores colônias psiquiátricas do Brasil, que o psiquiatra Osório César interessou-se pela arte, recolhendo, catalogando e analisando sistematicamente os trabalhos que encontrava soltos, jogados, espalhados e até mesmo desenhados nas paredes, passando a considerá-los trabalhos expressivos com evi-

dentos qualidades artísticas. Não via nestes trabalhos apenas expressão patológica da loucura, mas imagens comparadas a obras de artistas da modernidade. Na Escola de Artes Plásticas do Juquery sua preocupação não era somente de caráter clínico, mas também de caráter social. Segundo a terapeuta ocupacional Elizabeth Araújo, com Osório Cesar a arte no hospital psiquiátrico também deveria visar a reabilitação e a construção de alternativas para o momento da alta, através de profissões que levassem em conta a capacidade de cada paciente (ARAÚJO, 2004).

Com o movimento de desinstitucionalização, a partir da Reforma Psiquiátrica, e, as novas políticas de saúde mental, no Brasil, têm sido dada maior ênfase à participação do doente mental como membro da família e da comunidade, na tentativa de ampliar seus laços sociais e sua qualidade de vida. Na década de 80 surge no país, uma rede de serviços substitutivos: os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS), Núcleos de Atenção Psicossociais (NAPS), integrando a rede do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesta ocasião surgiram, entre outros equipamentos, as oficinas terapêuticas, dispositivos de reabilitação psicossocial destinados à clientela psiquiátrica que, além do estímulo à criatividade, buscam, em muitos casos, a produção de objetos que possam circular na cultura ou no mercado, além de contribuir para a estabilização psíquica dos usuários, através de sua reinserção social pelo trabalho e/ou pela convivência.

Segundo a artista plástica Edna Assis (2004) nas oficinas terapêuticas usuários e familiares têm oportunidade de conquistarem o respeito social integrando-se a comunidade. A utilização de atividades em oficinas construti-

vas e inventivas, onde cada sujeito trabalha de acordo com as suas possibilidades e potencialidades, propiciam, em alguma medida, a reabilitação psicossocial. Em geral os profissionais que atuam nessas oficinas são psicólogos com interesse em atividades artísticas, terapeutas ocupacionais, artistas plásticos ou arteterapeutas. No presente texto, apresentamos a participação do profissional artista plástico² no Clube da Amizade do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

OFICINAS TERAPÊUTICAS: SERVIÇOS SUBSTITUTIVOS DA REFORMA PSQUIÁTRICA

Nos últimos vinte anos temos assistido ao surgimento de práticas em que as atividades expressivas, criativas e produtivas, associadas às abordagens psicodinâmicas, estéticas e sociais têm participação nos processos de transformação das instituições psiquiátricas, de questionamentos e redefinição do lugar da loucura. Nestas novas práticas são explorados aspectos e possibilidades variadas produzindo novas formas de pensar e exercer a terapia e reinserção social dos portadores de sofrimento psíquico.

A maioria dessas oficinas sustenta-se na possibilidade de representarem dispositivos que sejam canalizadores da produção psíquica dos sujeitos envolvidos, facilitando o trânsito social deles na família, na cultura, bem como sua inserção no trabalho produtivo (CÉLI, 2004, p. 105).

O uso de atividades laborativas, como forma de auxílio na recuperação de doentes mentais, já se fazia presente no fim do século XVIII, quando em meio às prescrições da prática asi-

² Rio Grande do Sul o Programa de Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva/ Escola de Saúde Pública, capacita profissionais com formação em Artes Plásticas e Educação Artística no HPSP.

lar e do “tratamento moral da loucura” Philippe Pinel indicava atividades manuais, como forma de apaziguar as inquietudes do paciente, restituindo-lhe o sentimento de utilidade (PINEL, 2007).

No trabalho desenvolvido no Clube da Amizade, buscou-se através das atividades artísticas, meios pelos quais os sócios do Clube se sentissem incentivados na descoberta de suas potencialidades. Norteou nosso trabalho a proposta da Oficina de Criatividade do HPSP (fundada em 1990), um espaço em que a evolução de casos clínicos tem como objetivo a compreensão do processo psicótico e seu tratamento, acompanhado a partir de imagens espontaneamente desenhadas, pintadas ou modeladas, e, no qual é estimulado o fortalecimento do sujeito e o avanço no seu relacionamento social, levando em consideração suas atuais possibilidades adaptativas. Naquele lugar, o indivíduo tem liberdade de se expressar, é ele quem escolhe o material com o qual vai trabalhar e o que quer expressar. Pela sua importância terapêutica são empregados desenhos, pinturas, modelagem, bordados feitos a partir de riscos executados pelos próprios frequentadores (NEUBARTH, 2005).

Tal como nos objetivos propostos para a Oficina de Criatividade, também nas atividades do Clube da Amizade buscou-se estimular o fortalecimento dos sujeitos, facilitando seu relacionamento social, levando em consideração suas atuais possibilidades adaptativas. Para tanto, observou-se as falas, as iniciativas, o querer, prazer e, também, os medos ou as suas dificuldades. Assim como a relação com as diferentes linguagens artísticas e os materiais oferecidos que, segundo relatam Païn e Gladis (1996) em seu livro “Teoria e técnica da arte-terapia: a compreensão do sujeito”, provocam reações específicas e efeitos diversos.

O CLUBE DA AMIZADE

O Clube da Amizade é uma associação, sem fins lucrativos, fundada em 1975, antes da Reforma Psiquiátrica, aliado ao processo de desinstitucionalização. Entre seus principais objetivos estão: desenvolver no associado aspectos sadios da personalidade; estimular a progressiva autonomia dos sócios; prevenir a ocorrência de reinternações; promover a integração grupal estimulando a participação dos sócios nas diversas atividades; oportunizar padrões mais sadios de relacionamento entre os associados, a família e a comunidade de acordo com suas potencialidades; possibilitar ao associado o acesso aos recursos disponibilizados à comunidade; proporcionar novas experiências positivas aos associados através da execução de programas de qualificação profissional do trabalhador; incluir a pessoa portadora de deficiência e/ou sofrimento psíquico no mercado de trabalho através da educação, do resgate de conhecimentos tradicionais, do artesanato, do saber científico, da democratização e acesso à tecnologia de informação; promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos, a democracia e outros valores universais; promover a amizade e através dela procurar meios saudáveis de convivência social, trocas de experiências, apoio afetivo e técnico.

O Clube da Amizade se caracteriza por ser um grupo operativo centrado em tarefas diversas dirigidas pelos coordenadores. O grupo operativo é um grupo que tem por finalidade aprender a pensar em termos da resolução das dificuldades criadas e manifestadas no campo grupal, e não no campo individual de cada integrante, e não está somente centrado no grupo, mas em cada aqui-agora-comigo na tarefa que se opera em duas dimensões, constituindo de uma forma as correntes de várias teorias.

Todo o conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna (dimensão ecológica), confirma uma situação grupal. Tal situação está sustentada por uma rede de motivações e nela interagem entre si, por meios de vários papéis que o grupo que há em um grupo. É nesse processo que deverá surgir o reconhecimento de si e do outro, no diálogo e no intercâmbio permanente (RIVIÈRE, 1998, p. 159).

Naquele momento (2007) a equipe técnica do clube era composta por uma psicóloga, uma estagiária de psicologia, uma residente de artes plásticas, um educador físico e uma voluntária de arteterapia. Esta equipe funcionou como suporte, estimulando a participação dos sócios nas diversas atividades e assessorando a diretoria e demais membros do clube. Os encontros aconteciam todas as segundas das 13h30 às 16h, na sua sede, que fica no piso inferior do prédio do Ambulatório Melanie Klein e, nas quintas-feiras, no ginásio de esportes do HPSP, o Gigantinho. Nas segundas-feiras compareciam ao clube, em média, 20 sócios. São pessoas com diagnósticos diferenciados, sendo predominante a esquizofrenia, depois transtornos de ansiedade, bipolaridade e outros. (dados baseados em entrevistas com os sócios). Alguns sócios já faziam parte do clube há muitos anos, como o caso do Sr. H, 59 anos, há vinte e seis anos no clube. Outros haviam entrado para o clube mais recentemente. No período, além das atividades administrativas (reuniões da diretoria, do conselho fiscal, assembléias ordinárias e eleições) eram desenvolvidas atividades culturais (visitas a exposições, museus, feiras e outros); físicas (ginástica localizada e alongamentos, jogos recreativos, caminhadas e oficina de auto-cuidado); sociais (festas comemorativas, passeios na

cidade e outros municípios e visitas domiciliares aos sócios e familiares); oficinas (jardinagem, culinária, tricot e crochet, costura, arte, artesanato e teatro). A prática de atividades artísticas, segundo relato dos sócios era prática que dependia, para acontecer, da presença de um monitor qualificado.

AS ATIVIDADES A PARTIR DE UMA “CAIXA MÁGICA”: narrativa na 1ª pessoa.

Ao iniciar minha prática junto ao Clube da Amizade, precisei conter meu desejo de repassar meus conhecimentos artísticos para, no primeiro e segundo mês (janeiro/fevereiro 2007), restringir a minha participação às assembléias, onde tive oportunidade de conhecer os sócios, saber um pouco de cada um, das suas atividades, suas vidas, suas dificuldades, seus sonhos e expectativas. Foi um período de conhecimentos mútuos e avaliação das expectativas do grupo quanto às atividades a serem desenvolvidas. Elegemos como atividades centrais as principais datas comemorativas do nosso calendário objetivando, desta forma, situá-los no tempo e espaço, bem como aproximá-los das principais datas festivas da nossa cultura. Para apresentar uma panorâmica do que fiz ao longo deste período, passo a destacar as atividades, em forma de uma linha do tempo:

MARÇO: Iniciam as oficinas para comemoração da Páscoa. Em assembléia estabelecemos que faríamos ninhos para os sócios e decoração alusiva a data. No início me deparei com o que parecia falta de interesse, pois, alguns ficavam na rua fumando, outros sentados nas cadeiras, distantes, sonolentos. Efeitos colaterais das medicações ou a sensação de incapacidade para desenvolver as atividades propostas, pensava eu, contribuíam para essa aparente “falta de interesse”. Sentia que deveria aos poucos conquistar espaço e a confiança dos sócios. Para

tanto procurava ter um cuidado especial em estar munida de um aparelho de som, com a “caixa mágica”, como posteriormente denominaram a caixa em que carregou materiais de todos os tipos: tesouras, pistola de cola quente, linhas, colas, lápis, canetas, pincéis, enfim, tudo aquilo que é primordial para as atividades artísticas. No início carregava tudo sozinha, com o passar do tempo, assim que eu chegava, eles vinham rápidos perguntar se precisava de auxílio e passaram a me ajudar. Começamos a fazer os “ninhos” com palitos recolhidos na reciclagem³, mas apenas alguns se dispuseram a trabalhar, receando o uso da pistola de cola quente, que nunca haviam manuseado. À medida que os primeiros trabalhos ficaram prontos, serviram para despertar a curiosidade dos demais membros do grupo que, aos poucos, timidamente perguntavam: “Posso fazer um também?”. Não demorou muito para que todos se envolvessem na produção dos ninhos e de colinhos de E.V.A. que fizeram parte da decoração do clube.

ABRIL: No dia determinado para a festa da Páscoa foram comprados ovos de chocolates e outras guloseimas (com o dinheiro do próprio clube) e distribuídos aos sócios numa festa organizada por eles mesmos, com bolos doces e salgados trazidos de suas casas. Houve música e dança para completar a comemoração. O mês se encerrou com um passeio a Igreja São Jorge, próxima ao hospital, onde era comemorado o dia do seu padroeiro. Neste passeio, doze sócios participaram da missa, do chá beneficente, tiraram fotos, conversaram, como um alegre grupo de amigos que vai a uma festa.

MAIO: Surgiu a idéia de confeccionarmos imãs de geladeira com pedaços de EVA. A cada peça pronta o interesse ficava maior, todos admiravam e, muitas vezes, ouvi a frase: “Nem acredito que fui eu quem fez”. A atividade foi tomando conta e cada um contribuía de acordo com suas possibilidades, uns ajudando os outros. Assim, aqueles que apresentavam tremor, por exemplo, cuidavam de desenhar corações no EVA, através de um molde. Este modelo de imã se intitulava “Os Dez Mandamentos do Lar”, representados por: carinho; compreensão; amor; dedicação; amizade; sinceridade; fidelidade; diálogo; respeito; união. Estas palavras eram coladas nos corações que depois iriam formar a peça. No primeiro dia em que fizemos o trabalho, cada palavra foi levada ao grupo, momento em que, cada um falava o significado da palavra para si e a importância dela no seu lar, na sua vida, na relação com os outros. A montagem se deu de acordo com a importância que cada palavra tinha para a sua vida. Os imãs de geladeira despertaram o interesse de parentes, amigos e vizinhos, o que os motivou a fazerem novas peças para venda. Foi emocionante observar Raquel (nome fictício) que anteriormente ficava na rua fumando e agora se dedicava à confecção dos imãs, “esquecendo” o cigarro. Este trabalho foi disparador para uma mudança na sua atitude, ao menos, nas tardes em que participava das oficinas do clube.

JUNHO: A Festa Junina realizada no “Galpão Crioulo” do hospital serviu como tema nos encontros daquele mês. Em assembléia foram feitas combinações sobre a organização da festa, quem seriam noivos e padrinhos na

³ A Reciclagem, setor do HPSP que teve início a partir de um pequeno grupo de separação de resíduos existente na instituição em 2001 e cresceu até se transformar na Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem - ATUT. Atualmente, trabalham moradores da Morada São Pedro e usuários de outros serviços de saúde mental, sendo todos portadores de transtorno psíquico que fazem atendimento ambulatorial no HPSP e em outros dispositivos. Para o HPSP, o foco do trabalho é o exercício terapêutico. A reciclagem é coordenada por um psicólogo e uma terapeuta ocupacional, contando ainda, com estagiários de psicologia.

encenação do casamento caipira, a decoração, além dos pratos a serem servidos. Foram feitos balões, bandeirinhas e uma fogueira artificial, entre outros ornamentos. Com o dinheiro do clube os responsáveis pela parte da cozinha foram às compras. No dia da festa alguns ajudaram na ornamentação do espaço, enquanto outros organizavam a parte da comida. Após o “casamento” a festa seguiu com música, dança e os pratos típicos.

JULHO: Iniciaram os preparativos para a feira de artesanato que aconteceria no mês de outubro na Oficina de Criatividade. Foram confeccionados mais imãs de geladeira, móveis de palitos coloridos, panos de pratos pintados, e também um trabalho de “arte objeto” que denominaram “Roda Viva”, elaborado com materiais coletados na reciclagem do hospital.

AGOSTO/SETEMBRO: As atividades foram intensas até o dia da feira e todos participavam motivados e preocupados com a qualidade dos trabalhos. A feira foi um sucesso e resultou em maior motivação para uma nova feira no final do ano. Toda a renda destinada ao clube foi para a conta⁴, para gastos em passeios, festas ou compra de ingredientes para complementar o lanche servido no meio da tarde, ou ainda para materiais para as oficinas. Para esta feira o clube contou com a doação de telas da artista plástica e ex-enfermeira do hospital Anita Dalson. O dinheiro arrecadado seria para a compra de materiais para uso nas oficinas do clube e também uma parte da renda para a Oficina de Criatividade.

OUTUBRO/NOVEMBRO: No final do mês de outubro iniciamos a confecção de novos trabalhos artesanais para a feira de Natal e para a decoração do clube. Para esta feira de artesanato, a segunda, foram confeccionados

cartões de natal, imãs de geladeira (devido ao sucesso e as encomendas) e enfeites para árvore de Natal. Confeccionou-se um Papai Noel para decoração do Ambulatório Melaine Klein. É uma árvore de Natal de CDs, doada para a reciclagem do hospital, em agradecimento à cooperação pelos materiais doados durante este ano de atividades.

DEZEMBRO: Com um galeto no Galpão Crioulo, organizado pelo educador físico juntamente com alguns sócios, foi feita a confraternização de final do ano. Na festa houve trocas de presentes de amigo secreto. Ainda em dezembro, a feira natalina, encerrou as minhas atividades junto ao clube como residente de artes.

PENSANDO SOBRE A PRÁTICA

Percebi no início das oficinas o receio pelo desconhecimento da linguagem artística. Os participantes pareciam desconfiados, gerando sentimento de impotência diante dos meios oferecidos à expressão. Contudo, aos poucos, adquiriram confiança suficiente para a mobilização no ato de fazer, de tentar, de se deixar conduzir, baixando as resistências. Na medida em que as atividades se desenvolviam, foi notório o despertar da sua criatividade, ao buscarem novas formas na elaboração das tarefas. Ciornai (2004) em “Percurso em arteterapia” descreve a criatividade como sendo um potencial humano que irá se revelar nos múltiplos encontros com a vida. Para esta autora, uma vida plena e saudável é uma vida criativa, em que atividades artísticas podem ser facilitadoras do desabrochar da criatividade e, conseqüentemente, catalisadoras do processo de qualidade de vida.

⁴ A diretoria do clube abriu uma conta na Caixa Econômica Federal, onde depositavam a mensalidade dos sócios e toda a renda resultante das vendas nas feiras. Esta conta era movimentada pelo tesoureiro do clube, sempre de acordo com as resoluções estabelecidas nas assembléias.

Em muitos trabalhos, foram utilizados materiais coletados pelos próprios sócios do clube, na reciclagem, o que fez mudar nos participantes o olhar para aquilo que era considerado “lixo”. Passaram a ser observadores atentos a tudo que poderia ser reutilizado, buscando beleza nas formas, nas texturas, nas cores. Nos dias dos nossos encontros traziam materiais comentando: “Achei isso lá na reciclagem e achei bonito, o que poderíamos fazer com isso?” Com o passar do tempo foram explorando seus sentimentos, tendo como objetivo encontrar caminhos para uma boa relação com os demais membros do grupo e consigo próprio. Quanto mais o tempo passava, mais se percebia que, os indivíduos mostravam suas dificuldades pelo medo de exporem seus problemas e sentimentos não sendo por isto aceitos pelos outros. Aos poucos, passou a imperar uma comunicação autêntica, o sentimento de calor humano, a confiança. Podemos dizer que, de forma geral, todos são amigos, pois esta é a ideologia do clube, conforme o nome já explicita. “Esta amizade ampla é aquela necessária, onde todos se propõem a cuidar do outro, dar apoio e ajuda, em função dos aspectos comuns entre eles [...]” (ALIATTI, 2004, p.149). O que fortalece este vínculo no Clube da Amizade é o fato de que seus integrantes sabem que vão encontrar colegas para compartilhar os problemas e receber ajuda e compreensão. Da mesma forma, eles podem compartilhar suas expectativas suas angústias sem se sentirem discriminados, vítimas de preconceitos por serem portadores de problemas mentais. Foi como uma sócia comentou: “Estou no clube desde 83. O Clube da Amizade para mim é uma família, um nascer de novo, consegui fazer o meu livro aqui, comecei por aqui e terminei na Oficina de Criatividade, continuo indo lá e aqui às vezes também e sou muito feliz.” Em pesquisa sobre o Clube da Amizade Aliatti cita um sentimento de pertença em relação ao clube.

Urrutigaray (2003) em “**Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens.**” afirma que ao trabalhar, com arteterapia em grupos, o indivíduo se torna mais tolerante com as dificuldades alheias e as suas próprias dificuldades, sentindo-se incluído e fazendo parte do grupo, desenvolvendo sentimentos de companheirismo, satisfação, compreensão, apoio, proteção e ajuda. Vínculos vão se fortalecendo a cada encontro, fato este que se pode observar nos diálogos entre os sócios, durante as atividades. Cria-se também nesse clube, entre paciente e terapeuta/coordenador, um campo, uma área de experimentação, um espaço potencial.

[...] este espaço potencial intermedeia também a relação entre cada paciente e o outro, constituindo-se numa ampla zona de troca de experiências, de informações, onde dentre outras produções vão se desenvolver a criatividade e a cultura próprias daquele grupo [...] (WINNICOTT, 2001, p.187).

Buscar nesse grupo compreender a dimensão dos vínculos e as consequências que tais vínculos trazem para os sócios em seus tratamentos, para cada indivíduo ali presente, é ponto fundamental. Pensar o quanto a companhia dos colegas e da equipe é salutar ou o quanto pode ser triste e, às vezes, até assustador. Isto acontece, por exemplo, a cada ano, quando estagiários e residentes vão embora, rompem-se vínculos. Isto é algo a ser pensado e melhor discutido. Ao longo destes meses foi possível observar o aumento dos vínculos de amizade entre os sócios, notando-se o quanto se ajudavam nas situações de dificuldade, tanto nas atividades das oficinas como também em situações em que percebiam que algum dos colegas não estava bem. Também foi possível observar que, a cada dia, mais sócios participavam das atividades, demonstrando entusiasmo, sem medo do novo, do desconhecido, do imprevisível, prontos para enfrentarem

novos desafios. Aqueles que, antes, ficavam na rua fumando ou sentados, distantes, como que ausentes, agora se inseriam nos grupos de atividades, curiosos, olhos atentos a tudo que acontecia e procurando o que fazer, dentro das suas possibilidades. Reconhecendo suas limitações e, muitas vezes, descobrindo que eram capazes de fazer coisas nunca imaginadas, as dificuldades surgidas eram trabalhadas na busca de solução e adequação às possibilidades de cada um. As oficinas se caracterizavam pela espontaneidade, a intimidade entre eles, a expressão de seus sentimentos, sempre com muita concentração na dinâmica das atividades e nas interações pessoais, embora houvesse momentos em que era preciso estimulá-los, ou encorajá-los. Outra característica que marcou os encontros das segundas-feiras foi a alegria, o lúdico, o humor, o ambiente era agradável e descontraído, possibilitando o acesso, mesmo aos sujeitos mais resistentes. Mello Filho (2001) confirma o valor terapêutico do humor e do lúdico, especialmente com pacientes que só conseguem encarar realidades como enormemente dramáticas.

No grupo do Clube da Amizade, funcionavam intensamente os processos de identificação e, cada vez mais, seus sócios pareciam se entender e ajudar uns aos outros. Naturalmente o novo membro era acolhido, sendo os demais tolerantes para com suas necessidades de crescimento, auxiliando o coordenador/terapeuta numa tarefa que Winnicott chama de maternagem⁵.

Cabe ainda salientar o grande interesse dos sócios na venda das suas produções nas feiras no decorrer do ano. Cada peça vendida era motivo de euforia e comemoração, despertando a idéia

de tornar o espaço do Clube da Amizade, além de um espaço de ressocialização e reabilitação⁶, também um espaço com oficinas de geração de renda. As oficinas de trabalho e geração de renda afirmaram-se, pois, como importantes espaços na conquista de mudanças em direção à autonomia, e, também, em prol do bem comum, melhorando a qualidade de vida geral e a solidariedade.

CONCLUSÃO

Considerando os objetivos do Clube da Amizade concluímos que, através das oficinas com diferentes atividades, técnicas e materiais, promoveu-se o desenvolvimento de aspectos positivos como: elevação da auto-estima, autoimagem positiva, segurança, autonomia, ampliação dos vínculos entre os sócios e coordenadores. Outro aspecto relevante foi o interesse na produção e venda dos trabalhos artesanais confeccionados nas oficinas. A valorização sentida pelos sujeitos envolvidos, ao se depararem com seus produtos apreciados pela comunidade e, em especial ao serem vendidos, transformava-se logo em largo sorriso.

No Clube da Amizade criaram-se oportunidades de formação, capacitação e inclusão social. Não se pensou, neste espaço como gerador de renda, para resolver problemas econômicos dos sócios, até mesmo porque a renda movimentada era insuficiente para ser considerada uma forma de subsistência. O fator econômico foi apenas uma das vertentes, pois o que se buscou foi a inclusão social, a descoberta de novas habilidades e reconhecimento. A proposta foi fazer

⁵ O termo maternagem foi utilizado por Winnicott em vários livros e momentos de sua obra. Para Winnicott, maternagem é a forma de uma mãe cuidar de seu bebê de maneira boa, protetora. São os bons cuidados que incluem o amparo às necessidades fisiológicas e todo investimento de desejo, de amor, de aconchego.

⁶ A Associação Internacional dos Serviços de Reabilitação Psicossocial (IAPRS) define como: processo de facilitar ao indivíduo com limitações a restauração, no melhor nível possível de autonomia, do exercício de suas funções na comunidade [...] mediante uma abordagem compreensiva e um suporte vocacional, residencial, social, recreacional, educacional, ajustados às demandas singulares de cada indivíduo e cada situação de modo personalizado (apud Pitta 1996)

com que o paciente, fora do mercado produtivo, exilado em suas relações sociais em função da sua doença, pudesse, em seu projeto de tratamento, encontrar lugar cidadão, através do seu trabalho. As oficinas, lugar em que arte e artesanato se mesclaram em trabalhos diversos envolvendo processo/produtos, puderam, em alguma medida, modificar os sujeitos promovendo reabilitação e cidadania. Ao facilitar o trânsito social, também facilitaram o convívio familiar, bem como a inserção, como um trabalho produtivo possível. Neste sentido, pensar em oficinas construtivas e inventivas, onde cada sujeito trabalhou de acordo com as suas possibilidades e potencialidades, foi o que se buscou fazer no Clube da Amizade.

REFERÊNCIAS

- ALIATTI, I. **Processos dos grupos psicológicos construtores da Pertença**: vínculo da amizade, organizadores grupais e o lugar: espaço potencial. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Psicologia, Porto Alegre, 2004.
- ARAÚJO, E. Oficinas e outros dispositivos para uma clínica atravessada pela criação. In: COSTA, C. M.; FIGUEIREDO, A. C. (Org.). **Oficinas terapêuticas em saúde mental**: sujeito, produção e cidadania. São Paulo: contra capa, 2004.
- ASSIS, E. Arte e oficinas terapêuticas em tempos de reconstrução, In COSTA, C. M.; FIGUEIREDO, A. C. (Org.). **Oficinas terapêuticas em saúde mental**: sujeito, produção e cidadania. São Paulo, contra capa, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde mental no SUS**: os centros de atenção psicossocial. Brasília, DF, 2004. p. 12-13.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Edital**: XV Chamada para supervisão Clínico Institucional dos CAPS e Rede de Atenção Psicossocial. Disponível em: <http://www.ccs.saude.gov.br/saude_mental/Pdf/EditalSupervis%C3%A3oIV.pdf>. Acesso em 30 nov. 2007.
- CARVALHO, M. M. M. J. (Org.). **A arte cura?** São Paulo: Livro Pleno, 2004.
- CÉLI, R. Oficinas terapêuticas em Saúde Mental: sujeito, produção e cidadania. In: COSTA, C. M.; FIGUEIREDO, A. C. (Org.). **Oficinas terapêuticas em saúde mental**: sujeito, produção e cidadania. São Paulo: contra capa, 2004.
- CIORNAI, S. (Org.). **Percursos em arteterapia**: arteterapia gestáltica: arte em psicoterapia: supervisão em arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.
- MELLO FILHO, Julio de. **Ser e o viver**: uma visão da obra de Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- LOURAFÉ, I. A. **doença mental e autonomia**. Disponível em: <www.portalmedico.org.br/revista/bio/v6/doenmental.htm>. Acesso em: 20 nov. 2007. NAPS. Disponível em: <<http://www.uff.br/nepae/objn102tavaresetal.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2007.
- NEUBARTH, B. E. Proibido colecionar! **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, 2005.
- PAIN, S.; JARREAU, G. **Teoria e técnica da arte-terapia**: a compreensão do sujeito. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- PINEL, P. **Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou a mania**. Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- RIBEIRO, R. C. F. Oficinas e redes sociais na reabilitação psicossocial In: COSTA, C. M.; FIGUEIREDO, A. C. (Org.). **Oficinas terapêuticas em saúde mental**: sujeito, produção e cidadania. São Paulo: Contra Capa, 2004.
- RIVIÈRE, E. P. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- SILVEIRA, N. da. **Casa das Palmeiras**: a emoção de lidar: uma experiência em psiquiatria. Rio de Janeiro: Alhambra, 1986.
- SILVEIRA, N. da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.
- URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia**: a transformação pessoal pelas imagens. São Paulo: Wak, 2003.
- WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Imago, 1971.